

A casa de meu pai era na Rua São Jorge, a "principal do bairro", como afirmavam os moradores com uma ponta de orgulho que se traduzia na honraria de ter ali perto, na pequena elevação onde principiava o morro, a igreja do padroeiro das Rocas.

Eu, que conhecia as ruas largas e bem calçadas da Cidade Alta, não encontrava razão muito forte para esse entusiasmo. Se ainda não mudou, a Rua São Jorge é a mesma nesga de terra solta quebrando em cotovelo, varrida o dia inteiro pela poeira da lama pulverizada, se fazia sol; ou coalhada de poças de água onde coaxavam sapinhos quando a chuva, monótona e cinzenta, tamborilava seu marulho contrapontado sobre o teto dos casebres.

Mas queria bem à minha rua. Ficava à janela olhando as pesadas barcaças atoladas na lama do trapiche, o rio Potengi arrepiado de chuva, uma tristeza fina pairando sobre o mangue. Aquilo me entristecia; sentia uma ânsia, uma saudade de paisagem saudável, batida de sol. Tinha medo da chuva: a água caindo me dava a impressão de coisa perdida e inútil se esvaindo.

Estava assim naquela noite quando chegou meu pai. Vinha molhado dos pés à cabeça e parou um momento para sacudir o capote, enorme oleado de marujo que escorria água na soleira.

Bateu pesadamente as botinas no degrau da entrada, limpou o barro que aderira ao solado, entrou silencioso.

Era de poucas palavras, hábito contraído na solidão das grandes viagens, beirando a costa, de um extremo a outro do Estado.

Alto e robusto, ostentava uma força maciça e lenta de marinheiro. Tinha mãos enormes, duras, servidas de dedos curtos onde apontavam calos. De tão grossos até pareciam inchados os dedos de meu pai.

Recordo bem o seu físico áspero e agigantado, mas por mais que me esforce não consigo reter as suas feições. Lembro-me bem dos seus olhos. Eram pardos, de uma tonalidade que nunca vi reproduzida em ninguém mais. Fitavam parados e teimavam esconder aquela velada luminosidade de coisa subterrânea, que irradiavam. Pareciam lutar contra a luz, os olhos de meu pai.

O mais, nele, tenho fielmente fixado: certos gestos, a voz rude, o jeitão agressivo com que fazia as perguntas, um súbito rompante de voz que ia se atenuando até transformar-se em murmúrio, que era o seu tom habitual de conversa.

Meu pai se desembaraçou da japonsa, sentou à mesa. Dona Lautá, minha madrastra, trouxe quase em seguida o jantar: sopa de feijão, peixe cozido, pirão de farinha e café.

Meu pai comia calado, os grandes músculos faciais contraindo-se, relaxando-se. Eu acompanhava com atenção estudada os pequenos besouros que rodopiavam em torno do candeeiro, fugidos da chuva que caía lá fora. Estava à espreita de uma oportunidade para contar-lhe o meu dia. Afinal, tomei coragem, fui direito ao assunto:

— Estive hoje lá em cima. Estou matriculado, meu pai. Ele levantou a vista, olhou-me como procurando se lembrar do que falava eu; derramou um pouco de café no pires, soprou, para esfriar, bebericou e disse:

— Está direito.

Aquela secura me doeu. Estava acostumado com ela, meu pai era assim mesmo. Mas a situação era tão especial que me dera coragem para engendrar aquela conversa. Disfarcei a

decepção com nova investida. A vontade de falar era grande:

— Sabe, meu pai, os exames começam depois do Carnaval.

— Hum... — fez ele.

Inútil! Me refugiei num silêncio amuado, duro silêncio de menino acostumado à solidão.

Meu pai acabara de tomar o café, acendia sem pressa o cachimbo, uma pesada peça de madeira ornada com anéis de latão.

Soprou a primeira baforada, e, envolvido pela fumaça, falou devagar, pondo-me os olhos em cima:

— Você espera passar no exame, João?

Tive um choque. A pergunta de meu pai era uma resposta, um eco à minha ânsia de comunicação e extravasamento. Raro meu pai falar assim, encarando-me como igual. Era um homem entrincheirado em seu silêncio, um silêncio pesado como o resto de sua pessoa, difícil de romper. Cedo me acostumara a ele. Em casa, eu e Dona Laura, ninguém se espantava.

Aquela frincha aberta agora no seu mutismo rasgava pela primeira vez uma perspectiva nova em minha infância, que era como a sombra miúda da solidão grisalha de meu pai.

Naquele minuto compreendia anos inteiros de sua vida. Sentia-me intranquilo; uma emoção nova tomava conta de mim. Ficamos assim um pedaço. Foi meu pai quem quebrou o silêncio.

— João, estive pensando. Sou homem rude, um homem do mar. Tenho ouvido seus planos, Dona Laura já me falou. A princípio não concordei muito, você sabe, filho de marinheiro pertence ao mar. Pensava que um dia você iria comigo, pegava amizade ao barco, seríamos dois a fazer vida de marujo. Assim aconteceu com o finado, que Deus guarde; assim aconteceu comigo. Pensei que assim ia ser com você.

Deu uma baforada comprida, soprou a cinza que afluía às bordas do cachimbo.

— Você saiu à sua mãe, foi feito para ficar em terra. Está-me pedindo conselho, leio em seus olhos; mas não sei o que diga, não. Nunca estudei, criei-me sem necessidade de livro, marinheiro precisa de saúde e fé em Deus, que a sabença tirada dos livros de nada ajuda quando se está embarcado. Você escolheu sua vida, está certo, não atrapalho vocação de filho. Já para dar conselho não sirvo, fico sem saber o que diga. Pense bem: você é filho de marujo, neto de marujo, marujo também. Está na massa do sangue. Os rapazes da cidade, estes sim, nasceram para estudar mesmo, para ser doutor, subir na vida. Levam vida de estudante, os pais dão tudo. Com você é diferente, precisa trabalhar, o meu é pouco pro gasto, inda mais com despesas de livro, um horror de dinheiro. Enfim, você sabe.

Calou-se, foi à janela, ficou olhando as luzes da cidade refletindo-se nas águas do mangue em estrias de fogo inquieto.

Tomado de desânimo fitava a sombra enorme de meu pai. Tocado pela claridade de fora, ele me parecia de súbito muito só, pequeno e desamparado. Tinha ímpetos de gritar-lhe: "Não importa, trabalharei, lutarei por nós todos, meu pai". Mas o silêncio nos pegou em cheio, ficamos assim um pedaço. Depois meu pai deixou a janela, teve um suspiro de descrença, começou a desenrolar a rede que pendia do armador, na sala de jantar. Bocejei para disfarçar o tumulto que tomava conta de mim. E as palavras começaram a me sair com decisão.

— Amanhã começo com as aulas para o exame.

— Quem é que vai lhe ensinar? — falou meu pai impulsionando a rede para o balanço.

— Seu Geraldo da Farmácia; cobra só quinze mil-réis por mês.

Novo silêncio. A rede rangia monótona — rin... rin... rin...

— João!

— Senhor, meu pai?

— Vá dormir para acordar cedo, menino. Se tem mesmo que ser doutor, precisa ir se preparando.

Tive ímpeto de correr para meu pai, abraçá-lo, tanger o punho da sua rede a noite inteira. Mas ele ressonava já, o peito enorme subindo e descendo com regularidade.

Era um sono pesado e total. Sono de marinheiro que chega do mar.



— *Vá dormir para acordar cedo, menino. Se tem mesmo que ser doutor, precisa ir se preparando.*